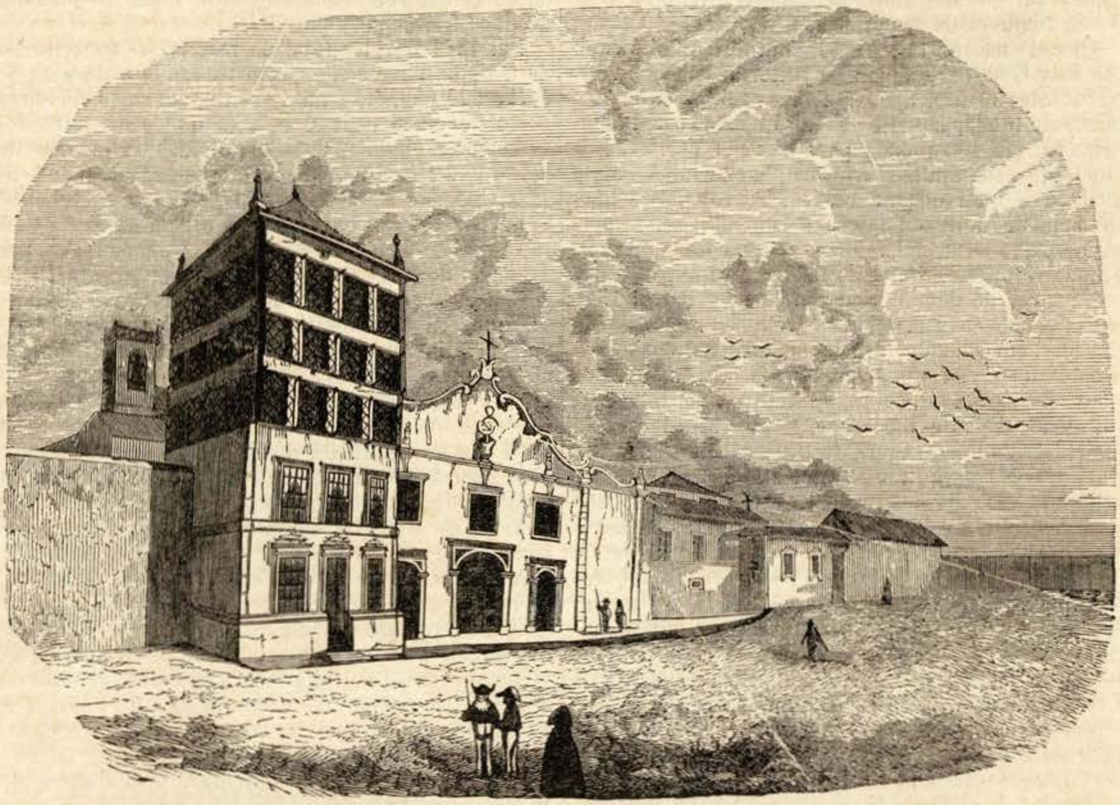


Mosteiro da Esperança em Ponta-delgada. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Flora.

AÇORES.

ILHA DE S. MIGUEL.

O nobre cidadão Jorge da Motta, cavalleiro do habito d'Aviz, escapára em 1522 com a familia, por estar n'uma sua quinta a par da ermida de S. João Baptista, n'um arrabalde, da espantosa subversão de Villa Franca do Campo, na ilha de S. Miguel, onde pereceram alguns milhares de pessoas. D'um primeiro matrimonio tinha uma filha por nome Petronilha da Motta, com quem Isabel Affonso, que de Ponte de Lima passára á ilha, contrahíra amizade. As idéas do tempo as levaram a pensar em seguir a vida religiosa, para o que projectaram acolher-se a uma ermida de Santa Clara, que ainda existe no extremo occidental de Ponta-delgada. Com esse fim se puzeram occultamente em marcha uma noite, levando Petronilha comsigo quatro meninas suas irmãs, mais novas, fructo das segundas nupcias de seu pae. Ao amanhecer, do cimo da ladeira do Pizão lançaram a vista para a esquerda, e descobriram no Valle de Cabaços, debruçada sobre o Atlantico, a pequena ermida de Nossa Senhora da Conceição. Reconsiderando o primeiro intuito, determinaram descer ao valle e fixar-se na ermida, o que participaram ao juiz e officiaes da camara da villa d'Agua de Páo, e ao capitão donatario da ilha, em cujos animos acharam logo benevolencia. Passados dias procurou-as o pae afflicto; mas nem com empenhos nem com justiças ecclesiasticas conseguiu reconduzir á casa paterna mais que as quatro filhas menores. Petronilha, com o nome mudado no de Maria de Jesus; Isabel Affonso, agora chamada Maria dos Anjos; persistiram na primeira vocação. Seis mezes alli viveram fazendo com uma simples cortina clausura rigorosa. Os moradores d'Agua de Páo lhes acudiam com o sustento, e a camara lhes mandou fazer contigua á ermida uma limitada casinha, em que se recolheram na vespera da paschoa de 1523, mais aquellas quatro irmãs de Petronilha, com os nomes de Guiomar da Cruz, Catharina de S. João, Maria de Santa Clara, e Anna de S. Miguel, que, depois de terceira instancia, de Villa Franca tornaram n'esse dia.

Passados dois mezes se lhes juntaram duas outras principaes e ricas donzellas da mesma villa, Isabel do Espirito Santo, e Maria da Trindade, filhas de João d'Arruda da Costa, que, sem o pae o saber, se metteram e ficaram no recolhimento. O numero das devotas, que todas viviam exemplarmente, foi crescendo com o tempo.

Ruy Gonçalves da Camara, segundo no nome, e quinto capitão donatario da ilha de S. Miguel, ascendente do actual marquez da Ribeira-grande, as tomou a seu cargo, fez-se seu padroeiro, consignou-lhes para seu sustento doze alqueires de farinha cada semana, impetrou-lhes de Roma bulla que lhes concedesse privilegios de verdadeiras religiosas, e fez para si e sua familia morada junto á ermida. Foi assim que o recolhimento se converteu em clausura regular, com abbadeça, vigaria, e mestra, freiras professas e noviças, que entre todas, passados dez annos, já eram em numero de vinte e sete.

A posição solitaria e perigosa do novo mosteiro, á borda d'um mar n'esse tempo tão infestado de corsarios, amedrontou as religiosas, e levou-as a solli-

citarem a sua mudança para logar mais seguro. Effectivamente dezoito d'ellas, entre professas e noviças, foram fundar em Villa Franca o mosteiro de Santo André, e as restantes, seis professas e tres noviças, esperaram que em Ponta-delgada se levantasse o de Nossa Senhora da Esperança.

Quando na quarta feira 20 d'outubro 1535 o capitão Ruy Gonçalves depois de jantar adormeceu eterna e subitamente, apenas deixára juntos os massames para fundar aquelle primeiro mosteiro de Ponta-delgado, em terra dada para isso por Fernando de Quental, e sua mulher. A principio este fallecimento affectou e interrompeu a obra, mas depois a liberalidade de muitos fidalgos a concluiu, sendo pela maior parte feita, pelas forças da sua terça, por D. Filippa Coutinho, viuva do fallecido capitão.

Na tarde de domingo de paschoa 23 d'abril 1541 entraram no novo mosteiro as religiosas de Valle de Cabaços em solemne procissão, no meio das acclamações do povo. Como presidenta ia a madre Maria do Espirito Santo, filha de André Affonso de Paiva, e de Violante Coelho; e levava comsigo como fundadoras a madre Clara de Jesus (d'antes chamada Domingas Soares), filha de Francisco Soares, que fôra védor da casa do donatario Ruy Gonçalves, e passára com elle a Africa:—Ignez de Santa Iria, natural de Lisboa, que entrára na ermida de Valle de Cabaços: — Maria da Madre Deus — e Isabel dos Archanjos, irmãs, naturaes da villa de S. Sebastião, da ilha Terceira, que por sua vocação o dito donatario fizera professar — Maria de Santo Antonio: — Isabel de S. Francisco, tia de Ruy de Mello: — e Catharina da Conceição. As primeiras noviças, que depois professaram, foram Agueda de Christo, filha do licenciado Diogo Vaz e Vasconcellos, e de Genebra Ignez: — Isabel de Santiago: — Jeronima do S. Paulo: — e Maria de S. João, filha de João Rodrigues Raposo.

Junto ao mosteiro fizera D. Filippa casas, em que se recolheu, e por sua morte, occorrida no 1 de janeiro 1552, deixou ás religiosas. Ao lado de seu marido, cujos ossos tinha feito trasladar do convento de S. Francisco para a capella mór do mosteiro, se quiz enterrar no habito de Santa Clara. Na mesma clausura fez entrar uma sobrinha e uma neta, filha de seu filho, o sexto donatario D. Manoel da Camara. Dotando-o com oito moios de trigo de renda annual, mais lhe deixou por sua morte uma alampada, um calix, e galhetas de prata, além d'outros ornamentos para a egreja.

Os historiadores Fructoso, e Cordeiro, dizem que o mosteiro da Esperança fôra instituido para vinte e cinco freiras professas, e cinco noviças; mas n'outra antiga informação saída do mesmo mosteiro vemos que foi creado com trinta e dois logares, numero que com o andar dos tempos os prelados foram augmentando. Em principios do seculo XVIII chegou a ter 105 freiras professas, mais de 15 noviças e pupillas, e mais de 40 criadas particulares e communs. Entretanto o enthusiasmo das profissões foi diminuindo por toda a parte. Em fins de 1821 só tinha 42 religiosas professas, 36 seculares sem dispensa e 30 famulas; e em 1825, em que Mosinho d'Albuquerque esteve em commissão n'aquella ilha, 38 professas, com a diminuição correspondente nas outras classes.

A proporção que o numero das clausuradas foi augmentando, assim foram reconstruindo e alargando o mosteiro. O primeiro edificio ficou sendo cemiterio e côro baixo do que ora existe.

Doações e dotes das profissões lhe foram augmentando successivamente a renda, de modo que em fins do seculo passado já tinha annualmente mais de 302 moios de trigo em especie, e de 200:000 reis em dinheiro.

Catharina, Simoa, fundadora da casa da misericordia de Ponta-delgada, impoz a esta a obrigação de pagar ao mosteiro da Esperança 30 moios de trigo de renda annual, onerando o mosteiro com um legado de 10.000 réis, meia capella de missas, e sustento de duas freiras suas parentas.

Em 1821 o valor total da receita do mosteiro foi de mais de nove contos, não passando a despeza de 8.700.000 réis. No anno 1819 tinham gasto em obras perto de cinco contos, e, sem que o mosteiro devesse cousa alguma, tinha em dividas activas mais de 3.400.000 réis. Não chegavam a pagar então de pensões tres moios de trigo, e 12.000 réis a dinheiro.

Estas religiosas pertenciam á ordem de Santa Clara, e regiam-se pelos estatutos da segunda regra, por dispensa do papa Pio IV. No seu começo, até 1566, deram obediencia á custodia de franciscanos do Porto, que era de claustraes: — d'ahi até 1570 á provincia de Portugal:—depois até 1584 á custodia dos observantes do Porto: — n'esse anno passaram á da provincia dos Algarves:—desde 1594 á custodia que se erigiu nas ilhas: — de 1638 a 1717 á provincia de S. João Evangelista das mesmas ilhas:—e desde 1717, por breve de Clemente XI, á custodia de Nossa Senhora da Conceição, composta dos conventos das ilhas de S. Miguel e Santa Maria. Ultimamente davam obediencia ao ordinario do bispado d'Angra.

A communidade só uma vez saiu d'este mosteiro: foi em 16 de julho 1582, quando D. Antonio, prior do Crato, pretendente ao throno portuguez, desembarcou na ilha uma expedição de 3.000 francezes. O terror levára as religiosas a procurar refugio no valle das Sete-cidades, a sete legoas de Ponta-delgada; uma carta que D. Antonio lhes escreveu as tranquillisou, e fez voltar á clausura.

Extinctas nas ilhas dos Açores, pelo decreto de 17 de maio 1832, as corporações religiosas, o mosteiro da Esperança foi um dos dois conservados na ilha de S. Miguel, para residencia das religiosas que não quizessem viver no seculo.

O que ha de mais notavel dentro d'aquellas paredes são os valores que, em preciosas joias, e alfaias, tem uma imagem de Christo, *Ecce Homo*, que no interior do mosteiro, no coro baixo, tem capella propria, e administração especial, vitaliciamente confiada a uma das religiosas, eleição de todas. Diz-se que já de Valle de Cabaços trouxeram as freiras esta imagem, que fôra dada pelo papa a duas d'ellas, que tinham ido a Roma impetrar a bulla para a erecção do antigo mosteiro. A principio servíra de custodia, tendo para isso no peito uma abertura; mas julgando os prelados mais acertado que não servisse para tal fim, a mandaram collocar na ermida de Nossa Senhora da Paz, uma das muitas que ha na cerca. Da ermida a trouxeram mais tarde para um nicho do coro baixo, onde esteve, até que diligencias da madre Theresa da Annunciada, (cuja vida, escripta pelo padre José Clemente, da Congregação do Oratorio, corre por ahi impressa desde 1763, e conta já cinco edições) lhe fizeram levantar a sua capella particular, e lançaram fundamentos á celebridade que lhe tem attrahido de muitas partes do mundo, principalmente de Portugal, India, e Brazil, offertas consideraveis, que foram o fundamento da sua tão commemorada riqueza. Até chegaram a obter da corôa uma tença de 12.000 réis annuaes para azeite da sua alampada!

O *Ecce Homo* tem joias de valor: canas, resplandores, ornatos, bordados, são de grande preço. Dos metaes e pedras preciosas, empregados no seu ornato, ou no seu culto, poucos saberão o toque. As suas alfaias são inestimaveis. A unica vez que annualmente sáe do mosteiro para o corpo da egreja, em que só fica exposto vinte e quatro horas, recolhendo-se logo

á sua capella particular depois de uma solemne procissão pela cidade, está n'um andor deslumbrante, adornado de preciosidades. N'aquelle dia, que parece ser para o numeroso concurso d'aquelles povos, que attrahe de toda a ilha, o dia de festa por excellencia, são innumeras as offertas que recebe. O auctor da *Chorographia açorica* diz a pag. 60, que esta imagem «tem joias que se estimam em mais d'um milhão (400 contos de réis).» Poucos o poderão saber, além da freira, depositaria irresponsavel de tudo aquillo. Mas pelo pouco que se vê, e pelo muito que se ouve de antiga tradição, a imagem do *Ecce Homo* é riquissima. Pena é que tenham zelado tão avarentamente aquelle capital, e não tenham feito mais prestante e productiva a maior e menos util parte d'elle, mobilisando os valores, e invertendo-os em renda.

No tempo em que as ordens religiosas tinham vida, os locutorios do mosteiro da Esperança de Ponta-delgada a revelavam. Centro da mais escolhida sociedade local, quasi que o espirito e sentimento n'elles se tinham refugiado. A parte fluctuante d'aquella sociedade, os viajantes e estrangeiros que iam e vinham, e todos eram por via de regra apresentados alli, dava áquella vida meio secular, meio claustral, uma feição de que, os que não chegaram a conhecel-a, difficilmente podem fazer idéa.

A nossa gravura representa a vista exterior do mosteiro da Esperança, que occupa a linha do norte do campo chamado de S. Francisco, ao occidente da cidade. Na linha do sul, fronteira ao mosteiro, estão, sobre o mar, o castello de S. Braz, principal fortaleza da ilha, e a começada pequena doca do Areal. Na linha d'oeste ficavam a ermida da Senhora das Dores, e a egreja e convento dos frades franciscanos; egreja que é hoje parochial de S. José, e convento que, já mui transformado e embellezado, serve de vasto hospital civil, sustentado pela casa da misericordia. Da extremidade sul do adro que acompanha toda esta frente foi tomada a vista que hoje dâmos. O que n'ella sobresáe é o grande torreão de tres andares, que serve de mirante, para onde as religiosas vão espairecer, nas tardes dos dias sanctificados, e principalmente nas dos bellos dias da primavera e do verão. O rez-do-chão e o primeiro andar são salas de locutorio. O frontispicio da egreja, obra muito mais antiga, tem soffrido já transformações. Antes de 1851 não tinha nenhum remate acima da cimalha, nem a janella média sobre a porta principal. As obras começadas então é que tornaram o prospecto mais elegante, e o templo mais claro. A penultima porta á direita dá entrada para a sacristia, e a ultima para um pateo, onde estão os locutorios velhos, a roda, e a portaria do mosteiro.

O que alli e n'outros mosteiros se cultivava com mais dedicação era a musica. Com a mudança de circunstancias tudo tem o tempo modificado. Entretanto ainda religiosas e educandas supprem por si, e não mal, á musica de todas as festas que se celebram na sua egreja. Grandes talentos, grandes vocações musicaes se tem mais de uma vez manifestado dentro d'aquellas grades.

Desde 1832 não ha alli bens, nem rendimentos communs. As freiras vivem das pensões que o estado paga a cada uma; as seculares supprem por si ou por seus parentes ás proprias necessidades e sustentação.

As figuras principaes, que povoam o campo da gravura, dão idéa d'um dos trajes mais caracteristicos do povo d'aquella ilha—o capote e a carapuça. O que torna mais notavel o capote, de que usam as mulheres do povo, e as de mais altas classes que querem sair disfarçadas, é o capello, especie de capuz, armado sobre um arco de balea, que lhes resguarda e compõe a cabeça, e serve a esconder o rosto, puxando-o para diante, ou unindo-lhe os lados da abertura, sem deixar mais que uma aresta, por onde os olhos espreitam para fóra. N'esta parte são peiores do que os véos orientaes!—A carapuça, de que usam os camponezes, compõe-se d'um casco baixo, com grande pala horisontal e semicircular, com as pontas extremas recurvadas. Atraz tem um como cabeção grande que se deixa cair sobre as costas, e se ajusta por debaixo da barba, quando chove ou faz frio. Fóra d'isso traz-se colhido e deitado por cima da cabeça. Commummente casco, aba, e cabeção são de panno de lã azul, forrado de côres flammantes.

FRANCISCO DE PAULA CARDOSO,

MORGADO D'ASSENTÍS.

(Concluido de pag. 303).

Levantára-se entretanto a lucta fratricida, que por mais de cinco annos trouxe os portuguezes divididos entre si, guerreando-se mutuamente como figadaes inimigos, fazendo calar muitas vezes as leis da humanidade, e dando largas a tantos excessos criminosos, que oxalá não tivessem existido, ou podessem ainda hoje riscar-se da memoria dos que os presenciaram!

Consequencia das circunstancias d'esta epocha foi tambem a dispersão da maior parte dos ermitães da Thebaida. Uns emigraram do reino, outros tomaram diversos destinos; e Assentís, liberal de profundas e arraigadas convicções, posto que inoffensivo, e tão tolerante para com todos quanto o podia ser um homem para quem odio, rancor, vingança, e outras similhantes, pareciam palavras destituidas de significado, veiu em fim a recear pela sua pessoal segurança, e entendeu que devia prudentemente acautelar-se, estreitando cada vez mais o circulo de suas relações.

Chegado porém o triumpho das armas constitucionaes, e restabelecido na capital o governo da rainha, um dos primeiros cuidados de Francisco de Paula foi o de tomar de arrendamento o bello theatro particular da travéssa do Loureiro, que estivera sem exercicio durante os cinco annos da guerra civil, com o projecto de alli estabelecer uma sociedade ou academia dramatica. Infelizmente não póde ver realisadas as suas esperanças, porque antes d'isso foi aquelle theatro reduzido a cinzas pela voracidade de um incendio, devido a um accidente fortuito na noite de S. João de 1834. Ahi pereceu não só o vásto barracão, em que estava fundado o theatro, mas com elle o copioso scenario, utensilios, e machinas que lhe pertenciam, fructos de quinze annos de trabalhos, e de não pequeno dispendio das numerosas companhias de curiosos, que successivamente o tiveram por sua conta durante esse periodo.

Desejoso o novo governo de prover do modo possivel ao estado de total decadencia a que descêra a scena portugueza, e cedendo ás sollicitações de muitos homens de letras, que reclamavam medidas efficazes para levantal-a do seu abatimento, appareceu em fim com o decreto de 15 de novembro de 1836 creando o conservatorio dramatico, denominação que ao depois foi substituida pela de conservatorio real de Lisboa. Tratando-se de escolher os membros que deviam compor esta associação litteraria, não podia esquecer o nome de Francisco de Paula Cardoso, e com effeito foi elle um dos primeiros nomeados. É facil de ver com que zêlo e actividade se prestaria ao desempenho de funcções que, por assim dizer, se identificavam com a sua paixão dominante! D'ahi proveiu que, não obstante a sua edade já provecta, e os

incommodos habituaes a ella inherentes, foi um dos mais laboriosos e assiduos membros d'aquelle instituto, na epocha da sua maior vitalidade; já assistindo ás conferencias, já tomando parte nos trabalhos de commissões; do que se acharão sem duvida provas exuberantes e documentadas no archivo competente.

Ao morgado poderiam talvez de justiça applicar-se mais que a nenhum outro os conhecidos e tantas vezes lembrados versos do seu querido Horacio:

. . . . . Ergo fungar vice cotis, acutum
Reddere quæ ferrum valet, exsors ipsa secandi:

porque em verdade, se foi mui pouco o que deixou escripto, são todavia bastantes as obras, que se emprehenderam ou completaram por seu impulso e conselho: quem lhe pedisse o seu parecer sobre qualquer tentativa, ou projecto litterario, estava seguro de obtel-o, sempre leal e francamente, ajustado aos dictames da boa razão, e ás regras da arte, das quaes ninguem ousaria negar-lhe um profundo conhecimento.

Pela nossa parte podêmos com testimunho proprio corroborar o referido. Ao emprehendermos a edição, que um sentimento de patriotismo (tão mal pago e avaliado) nos levou a fazer em 1839 das poesias do malfadado José Anastacio da Cunha, consultámos o morgado, e d'elle recebemos judiciosos reparos, e advertencias uteis, que nos foram de muito prestimo para restabelecermos em sua genuina ou provavel intelligencia varios logares do texto, que por incuria dos copistas andavam visivelmente deturpados nos manuscriptos de que nos servimos.

Nos derradeiros annos da sua vida Francisco de Paula sentia que as forças vitaes se lhe iam gradualmente enfraquecendo. Vieram os padecimentos chronicos, complicados talvez, em parte, com os resultados das molestias adquiridas nas verduras da mocidade. Tranquillo sempre, jovial e resignado, via sem estranheza aproximar-se-lhe o termo da vida, e aguardava-o com a mesma placidez e philosophia, de que dera repetidas provas em todos os trances da sua vida. Ainda poucos mezes antes do golpe fatal que d'elle nos privou, conta-se que indo um dia visitar o seu velho amigo D. Gastão, unica reliquia que escapára de tantos que compuzeram a brilhante sociedade de Bocage; ao entrar a porta, já bastante fatigado, lhe dissera, pouco mais ou menos, as palavras seguintes: «Meu Gastão, isto está por um fio; já me custa a cá deitar: agora, ao subir da escada, vim compondo o meu epitaphio, e peço que elle seja gravado sobre a minha sepultura:

«O Assentis aqui jaz,
Que nunca foi deputado,
Nem mesmo juiz de paz.»

O amigo festejou a lembrança, e continuaram a conversar, não esperando talvez que o prognostico se realisaria com tanta brevidade.

Não era, porém, passado muito tempo, a molestia tomou um caracter agudo, e obrigou-o a ficar de cama. Depois de alguns dias de soffrimentos, veiu a declarar-se mortal; a 5 de fevereiro de 1847, depois de se haver anticipadamente fortalecido com os soccorros espirituaes, expirou pela uma hora da madrugada na casa da sua habitação, rua de Santa Martha n.° 114.

No dia seguinte foi o seu cadaver conduzido ao cemiterio do Alto de S. João. O cortejo funebre que o seguia, bem exiguo na verdade, compunha-se apenas de alguns poucos amigos fieis, e verdadeiramente devotados. Formavam todo o prestito o conselheiro d'estado José da Silva Carvalho, o sr. Rodrigo Felner, dois filhos do antigo e acreditado pharmaceutico d'esta capital Antonio Feliciano Alves de Azevedo, e o esculptor italiano Fideli Balbi.

A falta de maior concurrencia poderá talvez achar desculpa no fogo da guerra civil, que ardia a esse tempo por todo o reino, e que trazia geralmente preoccupados todos os animos a ponto que os impossibilitava de attenderem a outra cousa. A morte do morgado passou quasi desapercebida, e muitos amigos seus só d'ella tiveram noticia muitos dias depois.

No referido cemiterio permanecem aquellas mudas cinzas, sem que alguma lapida ou inscripção possa levar aos vindouros a sua memoria. Temos idéa de que, passado pouco tempo, alguem se lembrára de promover meios para erigir-lhe um monumento simples e modesto, adequado ao genio e indole d'aquelle a quem era dedicado; mas tal pensamento se desvaneceu, e, ao que parece, já agora se não realisará.

Para se julgar da serenidade com que Francisco de Paula encarou a morte, transcreveremos aqui o soneto dictado por elle na vespera do seu transito, poucas horas antes de fallecer. É como a sua ultima profissão de fé, e bem pinta o estado d'aquella alma no momento em que via a vida fugir-lhe, desamparado já da faculdade, que se declarára impotente para prolongar-lh'a.

Deixo do mundo a scena encantadora,
E engolphar-me vou na eternidade;
Triste cogitação, cruel verdade,
Que o animo mais forte descorçôra!

Essencia inexplicavel, que motora
És de nossas acções, nossa vontade!
Ah! que será de ti na immensidade
Da voragem dos evos tragadora!

D'amizade e d'amor sensação forte,
Vida do coração, seu doce enleio,
Té este grande bem me rouba a morte!

Deus, em quem sempre cri! Eu não receio
Depôr nas mãos de um Deus a minha sorte,
Que para me salvar ao mundo veiu.

Este soneto offerece, a nosso ver, certa reminiscencia, ou talvez imitação, bem que remota, de outro tão famoso de Bocage, feito em egual conjunctura, e que começa:

Meu ser evaporei na lida insana.

Confessâmos tambem, que alguma duvida se nos offerece ácêrca da legitimidade de alguns termos empregados, mórmente na inflexão que no fim do quarto verso do primeiro quarteto se dá ao verbo *descoroçoar*, de que não nos lembrâmos ter achado exemplo em outra parte.

Das suas composições em verso, que foram numerosas, segundo nos consta, incluindo-se entre ellas algumas peças dramaticas, traduzidas ou imitadas de diversas linguas, parece haver-se quasi tudo perdido ou extraviado. Sómente em sua vida se imprimiu, que nós saibamos, uma epistola a Bocage, escripta pouco antes do fallecimento d'este, e que foi inserta nos *Novos Improvisos* do mesmo poeta. Ineditos conservâmos algumas poucas odes e sonetos, que uns houvemos de sua mão, e outros devemos á bondade do nosso amigo e collega o sr. José Pedro Nunes, o qual julgâmos possue ainda mais alguns. Tambem nos consta que existe em poder de outro amigo do finado a versão completa do *Filippo* de Alfieri, que elle deixára prompta para a imprensa, e que é possivel venha um dia a publicar-se.

Francisco de Paula foi de estatura mediana, magro, mas bem conformado: rosto comprido e claro, nariz grande e quasi aquilino, olhos azues, cheios de vivacidade e doçura. Isto pelo que diz respeito ao seu retrato physico. Da sua indole e caracter moral fica dito assás pelo decurso d'este escripto. Conser-

vou-se e morreu celibatario, posto que em toda a sua vida désse provas não equivocas de sua tendencia e affeição ao bello sexo. Amado e bemquisto de todos, não sabemos que tivesse um só inimigo. Emulos mal os podia ter quem, como elle, jámais apresentava pretenções a superioridade, e era o primeiro a fazer justiça ao merecimento alheio, onde quer que o encontrasse.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

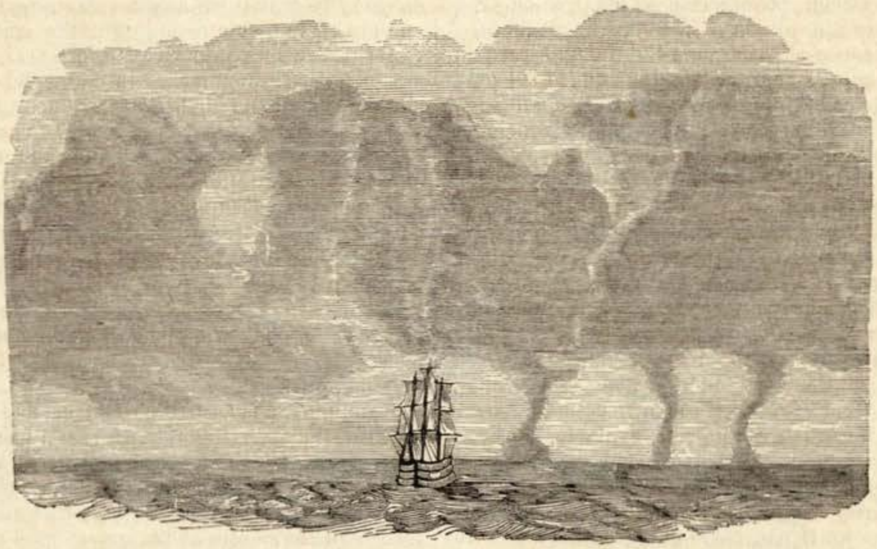
TROMBAS MARINHAS NO ESTREITO DE MALACA.

Produzidas por nuvens fortemente electrisadas, que se approximam da superficie da terra ou das aguas, impellidas pelas camadas superiores, as trombas occasionam de ordinario espantosos estragos, quando não são perturbadas no seu desenvolvimento e expansão por alguma causa estranha.

Temerosas quando se manifestam na terra, pois que a sua força é capaz de destruir campos, arruinar habitações e arrancar arvores seculares, as trombas causam sempre um certo terror aos navegantes ainda os mais impavidos, porque elles não ignoram que tambem no mar este phenomeno produz ás vezes terriveis accidentes.

A nossa gravura representa um d'estes phenomenos observados no estreito de Malaca pela guarnição da náo ingleza *Princeza Carlota*, no dia 17 de novembro de 1857.

Dirigia-se aquelle navio para os mares da China, quando aos olhos dos que a tripulavam se ostentou este magestoso espectaculo. É de notar, porém, que são muito raras as trombas n'aquellas paragens; e por isso causou maior estranheza, havendo ainda, n'este caso, a singularidade de se apresentarem no horisonte, simultaneamente, diversas columnas ou trombas, em vez de uma ou duas, como de ordinario acontece, conservando todo o seu volume muito tempo. A atmosphera estava bastante carregada, e ouvia-se a espaços o rebombar do trovão. As trombas, passado algum tempo, alongaram-se vagarosa-



Trombas marinhas no estreito de Malaca. — Gravura de Coelho Junior.

mente, e foram-se adelgaçando pouco a pouco, até se desfazerem inteiramente, sem perigo algum para o alteroso navio, não tendo sido necessario empregar os meios de que usualmente se servem os maritimos para conjurar os perigos a que os expõe a approximação d'estas massas nebulosas enormes.

P.

VIAGENS EM HESPANHA.

BARCELONA.

III.

Barcelona, cidade guerreira no tempo dos seus condes e dos reis d'Aragão, estendeu longe suas conquistas e glorias; sendo ao mesmo tempo industriosa, policiada, e florescente nas letras e sciencias, principalmente nos seculos XIII e XIV.

Depois de unidas as coroas de Castella e Aragão, deixando de ser capital, tornou-se quasi exclusivamente, como hoje, cidade industrial e commerciante. Mas nem por isso perderam os catalães suas grandes recordações historicas; antes as conservam bem vivas, tanto na tradição como nas publicações litterarias, levantando até monumentos e estatuas aos seus heroes, como ainda recentemente fizeram ao seu famoso almirante Galcerany Marquet. A união com o resto da Hespanha nem sob este ponto de vista lhes prejudicou, e hoje grande vantagem tiram d'ella, tendo dado nova e feliz direcção á energia e actividade que sempre os distinguiu, applicando-as principalmente ao commercio e á industria.

O caracter dos barcelonezes permanece quasi o mesmo desde seculos. O mesmo succede ao seu idioma, a que são mui aferrados, e que differe muito mais do castelhano que do portuguez. É a antiga lingua das provincias meridionaes da França, chamada *limosina*, que perdeu a melodia que antigamente a caracterisava, e que melhor souberam conservar os valencianos. Na bocca dos catalães adquiriu terminações duras, e uma pronuncia aspera e desagradavel; mas, apesar d'isto, conserva grande similhança com a lingua franceza moderna. Dizem eruditos que a lingua catalã ainda guarda muitos vestigios do grego antigo, tanto em vocabulos como em modos, derivados das colonias helenicas que floresceram em varios pontos do litoral da nossa Peninsula. Tambem no dialecto popular se introduziram algumas palavras turcas, trazidas provavelmente do Oriente pelos famosos terços catalães e aragone-

zes, que tomaram parte na aventurosa expedição á Sicilia e á Grecia no seculo XIV.

Os catalães são laboriosos, sobrios e applicados a toda a classe de conhecimentos. Inimigos da ociosidade e de qualquer innovação nos seus costumes, desprezam ostentações e exterioridades, não ambicionam distincções, e todo o seu desejo é conservarem-se nas suas profissões; geralmente as mesmas que exerceram seus antepassados. Tem por isso em muita honra as artes e officios, como ostentam nas bandeiras dos seus gremios, e nas antiquissimas lousas sepulchraes, em que se vêem esculpidos o compasso do architecto, a trôlha do pedreiro, a thesoura do alfaiate e a fôrma do sapateiro. Sua actividade os faz principalmente commerciantes e maritimos; sua industria investigadores e imitadores constantes de todo o progresso nas artes, que tambem adiantam com proprias invenções. Não faltam entre elles eminentes jurisconsultos, professores em medicina e cirurgia, e cultores de todas as sciencias.

Póde-se dizer que os catalães são os inglezes da Hespanha, pela sua industria e amor ao trabalho. Tem mesmo o que quer que seja do caracter severo dos filhos d'Albion, na concisão do fallar, e na superioridade com que olham o resto dos hespanhoes.

Nas estradas e povoações da Catalunha é raro encontrar mendigos, nem ociosos tomando o sol pelas praças, embuçados em amplos capotes, como se vê nas outras provincias. Ao passar das diligencias as mulheres não acodem a vêr os passageiros, e quasi não levantam olhos do trabalho das rendas e blondas ou *tules* em que pela maior parte se occupam. O moto popular não é, como na antiga Roma, *panem et circenses;* não é como em grande parte da Hespanha, *pan y toros;* mas sim *salud y trabajo.*

A mobilidade do caracter dos catalães, e a nobre ambição que os distingue, leva-os a toda a parte. Não ha cidade nem porto na Hespanha, nem nas colonias, nem na America, onde se não encontrem catalães, que apparecem na França, na Inglaterra, na Italia, na Allemanha e em todos os portos da Europa. Tambem a essa peregrinação não escapa Portugal, que percorrem associados aos bandos ou companhias, que discorrem pelo paiz a colher e preparar a cortiça dos sobreiros; ramo de agricultura e de industria hoje importante n'este reino, e que o não é menos na Catalunha, onde aos producto chamam *corcho.* No Alemtejo ha varias familias catalãs, que manufacturam a cortiça, em rolhas e outros objectos.

Os catalães são valentes, e atrevidos até á temeridade; não os assustam perigos por maiores que sejam; e podem contar-se entre os melhores soldados da Hespanha. Implacaveis no odio, quando em assumptos politicos se decidem por um partido, é mui difficil fazel-os ceder. São, porém, leaes até com os inimigos, e firmes nas relações ou amizade que uma vez contrahiram. Como os aragonezes, tem os catalães uma legislação civil especial, differente da d'aquelles, e muito mais da castelhana.

A propriedade territorial está repartida em melhores termos na Catalunha, do que nas outras provincias da Hespanha. Em regra, e principalmente em Barcelona, nenhum grande capital ou fortuna se consome esterilmente no luxo e na dissipação. Pelo contrario, todos os homens abastados se applicam ao commercio, ou a emprezas fabris e industriaes.

O luxo das mulheres catalãs do baixo povo consiste, como em Portugal, em se ornarem com pesados objectos d'ouro. Usam, como as nossas, cordões, cruzes e arrecadas de bastante valor. A estas, ou brincos d'orelha, se dá na Catalunha o mesmo nome de arrecadas.

É admiravel o desenvolvimento que a industria tem tido no Principado n'estes ultimos tempos. Em 1833 apenas o fumo d'uma unica chaminé de fabrica a vapor annunciava em Barcelona o futuro das manufacturas catalãs. Seguiram-se depois sete annos de sanguinolenta guerra na provincia, e outros quatro de discordias civis menos importantes, mas que promoviam continuas inquietações e sobresaltos. Apesar d'isso, passados esses desastrosos onze annos, em 1845, apresentavam as modernas provincias de Barcelona, Gerona e Tarragona, mais de 80 maquinas de vapor, e só na cidade de Barcelona se ostentavam orgulhosas cincoenta columnas de chaminés, cujo numero tem augmentado successivamente.

Não eram, comtudo, antes d'aquella epocha, desconhecidos totalmente na Hespanha os agentes a vapor. Clavijo construiu no arsenal do Ferrol, em 1796, as chamadas bombas de fogo para esgotar os diques. Em 1799 collocou-se em Almaden, para serviço das minas de azougue, uma machina a vapor, construida pelo proprio Watt. Outras havia nos arsenaes maritimos de Carthagena e de Carraca. Em 1815, o marquez de Casa-Irujo estabeleceu uma em Cadiz. D'este tempo até 1830 poucas mais se introduziram em Hespanha. Foi então que começaram a vulgarisar-se estes poderosos agentes da moderna industria, que ora luctam com os mares embravecidos e rasgam victoriosos o dorso do Oceano, ora arrastam rapidamente após si populações inteiras! No decurso das minhas viagens no Mediterraneo e nos mares da Asia, a bordo dos magnificos vapores das companhias inglezas, ou quando tenho visitado algumas grandes fabricas, sempre que me aproximava d'aquellas machinas portentosas que extrahem forças tão colossaes da simples evaporação da agua, me sentia como tomado de admiração e respeito pelo poder da intelligencia de certos entes privilegiados! Watt, Fulton e Stephenson, formam na verdade uma trindade de genios, que exalta e ennobrece a humanidade. O primeiro cria ou aperfeiçoa a machina de vapor, o segundo applica este invento á navegação, e o terceiro aos caminhos de ferro. Tres homens, a principio ignorados de todo o mundo, mudaram a face d'elle, sem abalo, sem violencia, sem sacrificios de ninguem; mudança que foi mais rapida, e é incomparavelmente mais profunda e consequente, do que quantas operaram os maiores estadistas, ou os mais famosos conquistadores. A memoria d'estes, manchada por milhões d'infortunios que promoveram, póde ir-se pouco a pouco esquecendo e sumindo na voragem dos seculos; quando a fama dos tres modestos anglo-saxonios crescerá, radiosa e pura, a par das successivas maravilhas que vão produzindo suas descobertas immortaes!

Voltemos a fallar das manufacturas da Catalunha. Uma das mais importantes é a das blondas e rendas, não só pelo crescido valor que tem, pela mão d'obra e pela seda que n'ellas se emprega, como pelo primor com que são trabalhadas, competindo com os productos dos melhores estabelecimentos de França n'este genero. Em 1841, segundo a estatistica de Sairó se contavam mais de 30,000 mulheres e raparigas occupadas n'aquella industria em toda a zona litoral da Catalunha, e povoações interiores até seis e oito legoas da costa. As fabricas de tecidos de seda tambem tem attingido grande perfeição, e n'esta classe são dignas de ver as de Escudere e de Calvet.

A manufactura dos algodões é, porém, a de maior importancia. A fabrica denominada «Hespanha industrial» sita no arrabalde de Sanz, é magnifica, e dizem que rivalisa com as melhores d'Inglaterra. Tem sete motores a vapor, com a força total de 500 cavallos. Completa no seu genero, reune todas as officinas de tecer e estampar, desde a materia prima e invenção dos debuxos até ao acabamento dos pannos d'algodão e chitas.

Quando visitei esta fabrica trabalhavam 506 teares, e estavam apromptando mais 500. Tinha 4:000 fusos continuos, empregava 1:300 pessoas, consumia annualmente 5:000 balas d'algodão, pagava ao Estado uns 74 contos annuaes de direitos d'importação, e 18 de contribuições. O fundo social é de 32 milhões de reales, ou 1:400 contos. Em 1852 dividiram uns 130 contos de lucros.

Além dos grandes estabelecimentos industriaes, todos os dias se levantavam novas fabricas na Catalunha, apesar dos clamores dos fabricantes contra as modificações feitas nas pautas a respeito das fazendas inglezas. Mais de 40:000 operarios se empregavam na industria fabril, ganhando maiores salarios do que os communs em outros paizes manufactureiros; do que resultava viver esta classe commodamente, e com habitos de muita civilisação. Estas condições parece que estão hoje alteradas, á vista dos disturbios que tem havido em Barcelona depois da revolução de julho de 1854, e dos queixumes das classes proletarias contra os donos das fabricas. Todavia, talvez as paixões e intrigas politicas tenham não pouco influido em similhante perturbação.

Em Barcelona não se observam as rixas, ferimentos e assassinatos tão communs n'outras provincias da Hespanha; não se vêem bebedos, porque em geral os artistas não frequentam tabernas, mas botequins ou cafés, onde passam uma parte da noite lendo e discutindo, jogando o dominó, as damas e o bilhar; o que alimenta o grande numero d'estes estabelecimentos de ordem inferior que ha em Barcelona, vendo-se, em muitos, pianos e cantores, porque os catalães são mui dados á musica.

Em Badalona, pequena povoação que visitei a duas legoas da cidade, e que conta apenas 3:800 almas, havia dez botequins. Em quasi todos os povos industriaes ha uma sala de dança e orchestra.

Nos domingos e dias santos os operarios de Barcelona apresentam-se bem vestidos, com trages similhantes aos da classe media, da qual póde dizer-se que perfilharam os costumes. Só vistos pelas costas, em que ha menos compostura, é que é mais facil distinguil-os. Na cidade formam *casinos*, ou sociedades recreativas, e ás vezes tem dado bailes a que as classes superiores tem concorrido e classificado de sumptuosos.

No comêço do presente seculo, já predominavam n'esta cidade as artes e officios da moderna industria; porém não havia edificios construidos expressamente para officinas, que formavam parte das proprias habitações dos operarios. Apenas havia alguma fabrica, onde se juntavam poucas pessoas. Em 1840 mudou completamente o estado das artes e manufacturas. Levantaram-se estabelecimentos grandiosos, e centenares de pyramides conicas, toucadas de ondulantes penachos de fumo, revelam hoje ao viajante a força gigantesca do agente mechanico com que o homem substituiu as proprias, que dispendia nas mais rudes tarefas industriaes.

As fabricas de Barcelona são vastos edificios, construidos para n'elles passarem a maior parte da vida, mais de 30:000 pessoas de todos os sexos e edades. Respirando atmosphera envenenada pela propria respiração combinada com substancias, geralmente insalubres, que elaboram, embotam a intelligencia com a monotonia d'operacões inalteravelmente repetidas, e afrouxam a moralidade n'essa heterogenea reunião de todas as edades e sexos, que nenhum laço d'amor, nenhum sentimento de consideração nem de affecto mutuo ligam entre si.

Á industria, divindade dos modernos tempos, sacrifica Barcelona bastantes victimas, e talvez o seu futuro moral, como succede em outras grandes povoações industriaes.

Nunca com mais exactidão se póde dizer, que existe uma deidade funesta, a que se sacrificam crianças innocentes. As suas victimas são essas gerações, cuja vida media não chega a vinte annos; creaturas cujo desenvolvimento physico é perturbado por trabalhos, ás vezes improbos e destruidores dos germens da vida, a que frequentemente os proprios paes as obrigam, para ganharem salario superior ás forças da sua edade. Parece-nos que a auctoridade publica devia cohibir similhantes abusos, vigiando os estabelecimentos fabris, para que seus donos não sacrificassem em certos trabalhos a vida dos outros, n'essa quadra da existencia em que se não tem vontade nem iniciativa propria; trabalhos que aliás podem fazer desempenhar por outros agentes, embora lhes fiquem mais caros.

As crianças prematuramente empregadas nas artes fabris são roubadas ás escholas primarias, e tem sua educação nas ruas e fabricas, ficando alheias a todas as noções moraes. São outros tantos elementos perniciosos que pouco a pouco se vão amontoando, e cujos fructos serão bem amargos para a sociedade que só trata de proteger interesses materiaes, sem que cuide das obrigações moraes que a estes deviam corresponder. Talvez que isto já influa entre as causas dos ultimos successos de Barcelona, e n'essa agitação que a miudo se manifesta com caracteres sinistros nas maças populares da Catalunha, em que parece estar latente.

A prosperidade da industria fabril na Catalunha cresceu modernamente e se tem mantido pelo systema prohibitivo e protector, á custa talvez dos interesses de outras provincias da Hespanha; systema que foi modificado em 1849, admittindo-se a despacho apenas alguns tecidos d'algodão estrangeiros, que se não fabricavam em Hespanha, dos mais finos ou de consumo excepcional, mas ainda assim carregados de pesados direitos. Esta admissão foi ampliada pela reforma das pautas em 1852, e por ventura convirá que o vá sendo mais á proporção que diminuem, como está succedendo, as difficuldades com que até aqui luctava a industria catalã.

A conclusão do caminho de ferro de Barcelona ás ricas minas carboniferas de S. Juan de las Abadesas (na alta Catalunha); a communicação que se estabeleça por outra linha para as importantes fundições de ferro das Asturias; e a recepção dos algodões pelo ferro-carril de Lisboa, hão de emancipar a industria catalã da tutela do systema protector. Porém, mesmo antes d'isto, parece possivel que, sem destruir os grandes interesses creados pela protecção, se vão alterando as pautas hespanholas até as egualar ás portuguezas, removendo-se assim um dos grandes embaraços que se apresentam a que se possa realisar a liga das alfandegas da Peninsula, aliás tão necessaria e vantajosa para os dois povos.

Se attendermos ao muito contrabando que sempre houve e ha ainda na Hespanha, parece que uma reforma razoavel nas pautas, e a adopção prudente e gradual dos principios da livre permutação, não affectariam demasiado as actuaes condições da industria hespanhola; do mesmo modo que em Portugal a liberdade ou prohibição da entrada dos cereaes da Hespanha não altera sensivelmente as circunstancias da nossa agricultura. Ou com o systema protector, ou com a liberdade commercial mais ou menos ampla, as permutações entre os dois povos da Peninsula fazem-se quasi do mesmo modo; porque o contrabando, tal como se acha inveterado em Hespanha e Portugal, é prompto e util correctivo ás erradas leis economicas, que contrariam as verdadeiras necessidades dos dois paizes. O mesmo succede em toda a parte onde ha systema protector exaggerado.

No reino visinho existe, desde antigos tempos, o

contrabando organisado, com depositos, companhias e combatentes. O mister de contrabandista perpetua-se nas familias, e fórma classe numerosa, que auctor digno de fé assegura, que já nos fins do seculo XVIII contava não menos de 100:000 individuos. Grave mal social é sem duvida esta lucta constante d'uma parte da população contra as leis e os agentes do governo.

Na Hespanha o contrabandista é por vezes um heroe popular, pelos perigos que affronta, pelas galas que ostenta, e pelo dinheiro que prodigalisa. Todos são seus vigias e auxiliares. Quando as auctoridades perseguem qualquer pessoa por causa de contrabando, o povo nega auxilio aos funccionarios publicos e presta-o ao perseguido. O insigne poeta Béranger, consigna este facto, e o apropria ao seu heroe contrabandista, quando lhe faz dizer:

«Châteaux, maisons, cabanes
nous sont ouverts par tout;
si la loi nous condamne,
le peuple nous absout.»

C.



A Zebra. — Gravura de Coelho Junior.

A zebra (*equus zebra*) é uma especie do genero cavallo, visinha do asno, de que tem pouco mais ou menos o corpo e as fórmas, mas de que differe pela pelle raiada symetricamente em listas escuras, estendendo-se transversalmente sobre um fundo branco amarellado. Este animal, conhecido dos antigos, que o designavam pelo nome de *hippo-tigre* (cavallo tigre), habita em manadas numerosas as partes montanhosas da Africa meridional. Desconfiado e bravio, sabendo defender-se de animaes mais fortes que elle por meio de vigorosos couces, não se apanha senão com muita difficuldade e só quando é pequeno. É por isso que em nenhuma parte o tem podido domesticar. Tem os mesmos costumes do cavallo selvagem.

PENSAMENTOS DE BACON.

Os meritos e as boas obras devem ser o fim permanente de todas as acções humanas. A consciencia do bem que se faz é o melhor repouso do homem.

Perpetuar-nos por nossos filhos é a eternidade dos brutos; um grande nome, serviços brilhantes, uteis instituições, tal é a unica eternidade do homem.

O interesse de familia arruina quasi sempre o interesse publico.

Em quanto se corre ás honras, abandona-se a liberdade.

Muitas vezes a fama, similhante a um rio, levanta as cousas ligeiras, e deixa no fundo as mais solidas.

Os homens temem a morte pela mesma razão porque as crianças tem medo das trevas: não sabem de que se trata.

N. S.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 P.